



## Espelhos d'águas: a arquitetura escolar da Escola Naval em fotografias

### Resumo

Durante a Era Vargas a arquitetura fora apropriada na intenção de representar o novo em um momento histórico que anunciava a modernidade renovando a paisagem urbana das cidades. As escolas arquitetadas nesse período, em especial no Distrito Federal, refletiram essa política do moderno, idealizadas como o lugar para a alteração e aquisição de conhecimentos e regulação de hábitos. Entre essas escolas destaca-se a Escola Naval, que em 1938 inaugurou sua sede na Ilha de Villegagnon construída especificamente para atender as demandas dessa Organização Militar híbrida – quartel e escola. O presente artigo analisará os aspectos arquitetônicos, linguagens e usos dessa nova sede no que se refere à educação dos jovens aspirantes ao oficialato, refletindo como esse espaço apropriou-se dos padrões pedagógicos modernos. Utilizando fotografias como principal fonte, estabelecerá um diálogo entre o edifício da Escola Naval e a arquitetura dos edifícios escolares projetados por Anísio Teixeira para as escolas públicas durante sua gestão na Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, debatendo os vestígios de um discurso em que a educação não era apenas um fenômeno escolar, mas um fenômeno social, voltado para a formação integral do aluno: para a profissão e para a vida.

**Palavras-chave:** Escola Naval, Arquitetura Escolar, Fotografia

**Gisele Terezinha Machado**  
Universidade Federal do Paraná  
gisatmachado@hotmail.com

## Introdução

No Brasil a preocupação em edificar espaços específicos para a educação iniciou-se com o processo de difusão do ensino primário nos fins do século XIX, já na Primeira República, momento em que a educação ostentou a importante tarefa de reformar a sociedade e legitimar o regime político. Os edifícios escolares se ergueram como “templos de educação” (SOUZA, 1998) e se caracterizaram como o alicerce para a consolidação do projeto educacional republicano, que com seus novos métodos pedagógicos iriam vencer a luta contra a treva, a ignorância, travada pelo Estado. Esses espaços escolares assumem uma identidade arquitetônica que os habilitavam a prática pedagógica e que os diferenciavam de outros edifícios públicos ou particulares, alicerçando uma dimensão educativa que “cumpre determinadas funções culturais e pedagógicas” (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 47).

Não foi diferente nas décadas seguintes, 30 e 40, já na Era Vargas, momento em que a arquitetura fora apropriada pelo Estado a fim de desenhar novas linhas urbanas que indicassem o moderno. Na intenção de forjar uma nação brasileira, os prédios escolares procuravam no Distrito Federal, sob o comando do então Diretor Geral de Instrução Pública Anísio Teixeira, promulgar a renovação cultural que se pretendia com a educação, não apenas alfabetizando-as, mas oferecendo-as "um ambiente civilizado, sugestões de progresso e desenvolvimento, oportunidades para praticar nada menos do que uma vida melhor, com mais cooperação humana, mais eficiência individual, mais clareza de percepção e mais tenacidade de propósitos orientados" (TEIXEIRA apud DÓREA, 2000, s/n).

Neste cenário de apropriação da arquitetura na tentativa de romper com o velho e apresentar o novo Estado brasileiro, é que o presente artigo analisará um dos aspectos arquitetônicos, linguagens e usos do edifício inaugurado em 1938 para sediar a Escola Naval. Por tratar-se de uma instituição híbrida, quartel e escola, a nova sede situada na Ilha de Villegagnon, na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, permite-nos olhá-la como edifício da administração pública e como edifício escolar. Como o primeiro, assim como o de outros órgãos públicos, buscou nos traços do Modernismo, inspirados por Le Corbusier, o símbolo do moderno, do progresso; já como o segundo, espaço escolar,

adotou todo um conjunto de ambientes que ia além da velha sala de aula, seguindo padrões pedagógicos modernos.

Não sendo possível tratar dessas duas possibilidades de olhar tal instituição em um único artigo, o presente examinará a arquitetura escolar de tal Organização Militar, destacando a possibilidade de interpretação das políticas educacionais cimentadas entre a materialidade, a representação e a apropriação desse edifício. Para tanto, apreciaremos principalmente fontes imagéticas, destacando-se fotografias, que permitem estabelecer um diálogo entre o edifício da Escola Naval e a arquitetura moderna dos edifícios escolares idealizados durante a gestão de Anísio Teixeira na Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, fornecendo vestígios de um discurso em prol da formação integral do aluno: para a profissão e para a vida.

Assim, buscaremos no “clic”, na “fatia única e singular do tempo-espaço” (DUBOIOUS, 1993, p.161) captadas nessas imagens, infiltrar-nos dentro das vigas de sustentação dessa nova sede destinada a formação dos jovens aspirantes da Marinha, confrontando o edifício da Escola Naval com o projeto idealizado por Anísio Teixeira para as escolas públicas do Distrito Federal, cimentado pela arquitetura moderna, não apenas pelas “formas depuradas e técnicas contemporâneas, mas também e sobretudo a tentativa de participar, ao nível da construção do ambiente, na transformação da sociedade” (KOPP,1990, p.14).

Segundo Mauad (2008) ao parafrasear LeGoff (1985), na condição de documento a fotografia fornece uma “marca de uma materialidade passada”; já como monumento um “símbolo” do que se desejou legar ao futuro. Em conformidade com sua afirmação, as fotografias dessa Escola tanto nós permite informações sobre a arquitetura de sua sede quanto sobre os significados que a investe de sentido e compõem o conhecimento histórico dessa instituição. Elas nos dão “uma pista para se chegar ao que não esta aparente ao primeiro olhar, mas que concede sentido social à foto” (MAUAD, 2008, p. 42). Debruçando-se sobre as imagens, verificaremos de que forma a arquitetura da Escola Naval na Ilha de Villegagnon materializava o moderno e construía sentidos que incorporavam um discurso calcado no progresso, em um novo olhar para a educação,

para o país e sua capital, o Rio de Janeiro, que na Figura 1 aparece no horizonte, reforçando o pertencimento dessa nova sede à paisagem da época.



Figura 1: Vista do centro do Rio de Janeiro da Escola Naval.

Fonte: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

## A Escola

Apesar de a República ter proclamado a educação popular como o mecanismo mais eficaz para a proliferação do projeto, ou programa, produzido dentro da necessidade de consolidação do regime republicano e da construção de uma identidade nacional, capaz de disseminar novos hábitos de higiene e comportamentos considerados civilizados, no início da década de 30 a capital do país ainda apresentava um cenário desfavorável. A educação pública não conseguia atender a demanda de crianças em idade escolar, sendo insuficiente o número de escolas em 1931, quando Anísio Teixeira assume a Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal.

Entre as primeiras medidas adotadas para alterar tal cenário, Anísio Teixeira irá criar o Serviço de Prédios e Aparelhamentos Escolares do Departamento de Educação com a finalidade de planejar e executar a construção de edificações escolares que deveriam atender as necessidades de ampliação do número de vagas, considerando a dificuldade de terrenos e o baixo orçamento dedicado a esse fim. Entre intenção e concretização do seu "sistema" escolar que previa dois tipos de edifícios/escolas,

as escolas nucleares ou classes e os parques escolares, sua gestão logrou êxito na meta de construir “edifícios que sejam especialmente adaptados aos fins dessa nova organização”, ou seja:

logar onde crianças vivem e diariamente são postas em contacto com as reais experiencias industriaes e sociaes , da comunidade e da vida, experiencias que as educam e armam para os mais arduos problemas da existencia adulta que as espera (TEIXEIRA,1928, p.63).

Desse sistema escolar que previa prédios planejados a fim de “educar a criança para hábitos inteligentes, de lazer e de recreação” (TEIXEIRA, 1935, p. 115), temos o espaço escolar destinado a Escola Naval na Ilha de Villegagnon como possibilidade de leitura para a relação entre a Marinha e as edificações da educação pública da época. A nova sede inaugurada em 1938 alinhava a sua estrutura física ao sistema escolar implementado no Rio de Janeiro por Anísio Teixeira, com salas de aula comum e especiais, além de espaços que visavam à educação social, física e artística do aluno.

Dividida em parte alta e baixa, conforme projeto vencedor de concorrência pública pela firma Raja Gabaglia & Companhia, as instalações da Escola Naval foram idealizadas dentro do preconizado pela pedagogia moderna, auxiliando na missão assumida por essa instituição que “orientará a educação e instrução dos alumnos, de modo que elles, ao attingirem o officialato, possam inspirar confiança ao Serviço, já por sua instrução technico-profissional, já por sua robustez physica, já, finalmente, por seu elevado padrão de character” (Decreto nº 1.435, 1937, s/n).

Nas Figuras 2 e 3, apresentamos o projeto da referida firma, permitindo uma visão frontal da parte alta da Ilha (Figura 2) e uma visão aérea (Figura 3), modificada pela autora para destacar a parte alta contemplada na Figura anterior.

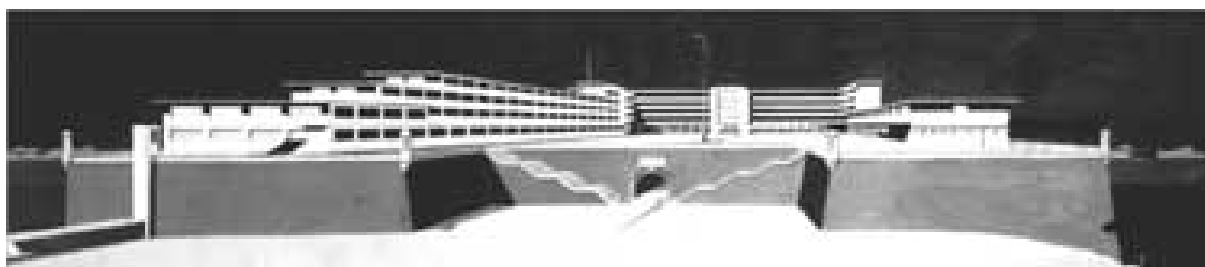


Figura 2: Visão frontal da parte alta da Ilha no Projeto Raja Gabaglia & Companhia.  
Fonte: DPHDM.



Figura 3: Visão aérea do Projeto Raja Gabaglia & Companhia.  
Fonte: DPHDM. Modificado pela autora (2014).

Na parte alta, construíram-se os prédios destinados às salas de aula, biblioteca, agremiações, cantina, bar, refeitório e camarotes. Já na parte baixa optou-se por conservar e aumentar a praça de manobras e de atletismo, além de construir um ginásio, piscina, ambulatório, auditório, oficinas e demais dependências administrativas.

Os 85 camarotes eram dotados de banheiro que abrigavam três aspirantes, mobiliados com camas, armários e mesa de estudos, dispostas em um ambiente arejado por amplas janelas orientadas para o sol nascente. Na Figura 4 verificamos um instantâneo registrado pelos aspirantes Jorge de Castro e Alan Fisher, especialmente clicadas para compor reportagem da *A Galera*, revista editada pelo corpo de aspirantes da Escola Naval e comercializada no Rio de Janeiro. Intitulada *Instantâneos em Villegagnon: uma harmonia de contrastes*, a reportagem destaca que apesar do “cinzento do cimento armado” não ser uma “cor alegre” (...), de “seus contornos e suas linhas” serem de “uma severidade quase agressiva”, o cotidiano daquela ilha é de “vida e de intensa atividade” (A GALERA, 1942, p.15).



Figura 4: O Camarote.  
Fonte: A Galera, número 5, 1942, p.16.

Além dessa, a reportagem registrou ainda outras cenas do cotidiano, que incluía tarefas matinais (Figura 5); preparação para o licenciado, momento tão esperado e que exigia ainda maior apuro com a farda (Figura 6); aula de esgrima (Figura 7) e instruções em laboratórios (Figura 8) e aulas práticas voltadas a Arte Naval (Figura 9) entre outras. As fotografias revelam que, assim como nos modelos idealizados por Anísio Teixeira, conforme influências americanas<sup>1</sup>, a Escola Naval era uma "escola ativa", com o ensino baseado em atividades práticas e de lazer, reproduzindo "todas as atividades da vida, desde as do trabalho até as de recreação e, muitas vezes, as da própria casa" (TEIXEIRA apud ROCHA, 2002, p.101).

---

<sup>1</sup> Ver: TEIXEIRA, Anísio. **Em marcha para a democracia**: à margem dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934. Além de Anísio Teixeira, a própria Escola Naval sofreu influências desse país durante a Missão Naval Americana no Brasil entre 1922 e 1931. Essa missão que não será abordada neste artigo, mas que compõem discussão importante nos estudos da tese, objetivou modernizar e organizar a Força incluindo o ensino por ela ministrado. Destaca-se que no ano da inauguração de tal Organização Militar novo acordo fora assinado, reforçando a parceria entre ambas as forças navais dos dois países. Ver: ACORDO ENTRE O GOVERNO ESTADOS UNIDOS DO BRASIL E ESTADOS UNIDOS DA AMERICA, 1938.



Figura 5 Tarefas Matinais.  
Fonte: A Galera, número 5, 1942, p.18.



Figura 6: Cuidado coma farda.  
Fonte: A Galera, número 5, 1942, p.18.



Figura 7: Aula de Esgrima.  
Fonte: A Galera, número 5, 1942, p.17.





Figura 8: Experiência na aula prática de Química.  
Fonte: A Galera, número 5, 1942, p.15.



Figura 9: Aula prática de Arte Naval.  
Fonte: A Galera, número 5, 1942, p.16.

As salas de aulas, Figura 10, eram do “typo amphitheatro e dotadas de todas as condições exigidas pela pedagogia” (CORREIO DA MANHÃ, 1935, s/n). Além dessas comuns, divididas entre mais de uma disciplina, existiam aquelas específicas para determinada cadeira, que previam o deslocamento dos alunos conforme grade de

horários, assim como as “platoon”. Essas salas especiais eram denominadas gabinetes e justificavam-se pela melhor assimilação e compreensão do conteúdo pelos aspirantes, de modo a poderem observar com conhecimento de causa a matéria dada na teoria, dosando o teórico com a prática, como captado nas figuras acima<sup>2</sup>.

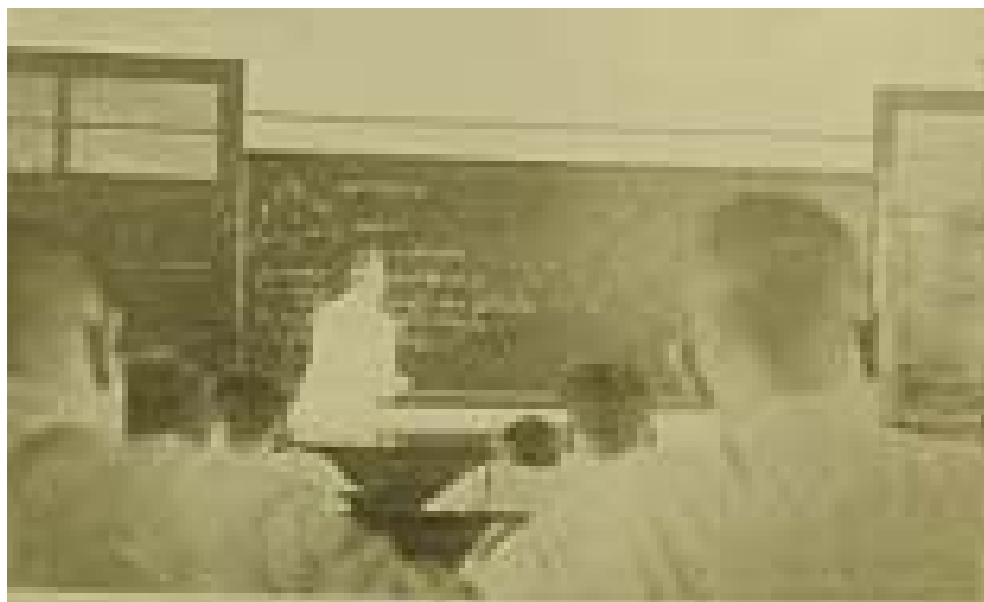


Figura 10: Sala de Aula “typo amphitheatro”.  
Fonte: A Galera, número 91, 1947, p.11.

Os gabinetes destinados especificamente para o ensino de uma única disciplina contemplavam, além de Química, Eletricidade e Arte Naval, aquelas voltadas às novas tecnologias dos meios operativos, a moderna evolução da técnica da guerra. Artilharia (Figura 11) e Máquinas, (Figura 12), por exemplo, eram algumas das disciplinas que possuíam um espaço próprio e equipado para aulas práticas. As figuras que se seguem desses gabinetes apresentam como traço comum o local onde foram divulgadas e o evento que retratam. Ambas compõem o Anuário de Turma de 1940 (p.182-183) e foram clicadas por ocasião da visita de alunos do ginásio do Distrito Federal, Petrópolis e Niterói às instalações da Escola Naval.

---

<sup>2</sup> Entretanto, apesar do ensino prático evidenciado pelas fontes, sejam elas as imagéticas ou os currículos, essas não nos permite considerarmos que a Escola Naval adotou o projeto idealizado para o ensino superior (AZEVEDO, 2010), principalmente pela ausência das investigações científicas como atividade estimulada pela instituição, além da sua falta de autonomia e liberdade de cátedra, incompatíveis com a rigidez disciplinar da caserna.



Figura 11: Gabinete de Armamento

Fonte: ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940, 1940, p 182.



Figura 12: Gabinete de Máquinas.

Fonte: ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940, 1940, p 183.

Essa visita foi uma iniciativa da Divisão do Ensino Secundário do Ministério da Educação, ocorrida em 2 de dezembro de 1939, com “cerca de 1000 jovens de um e outros sexo” (ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940, 1940, p 182). Recebidos em cerimônia militar no pátio de manobras, cantaram o hino nacional e ouviram “palavras de incentivo á mocidade” (ibidem) proferidas pelo Diretor da Escola Naval. O instante captado por

essas fotografias, que não retratam olhares voltados para a câmera, evidencia a curiosidade desses alunos ginasiais por ambos os conteúdos ministrados naqueles gabinetes. Se em uma vemos uma peça de artilharia ao centro e em outra um fragmento de máquina à esquerda, em ambas a mensagem fotográfica nos fala da missão de formar homens para atuar na defesa do país. Aqueles gabinetes destinados a formar os jovens aspirantes também eram palco para a educação da juventude brasileira, que assim como eles deveriam regular seus hábitos e procedimentos de forma a cumprirem escrupulosamente o dever de formar nova e moderna nação brasileira.

Além das salas de aula e os gabinetes para disciplinas específicas, a Escola Naval contava ainda com outra instalação voltada à formação complementar dos aspirantes: o auditório. Esse recinto “funciona não só como poder socializador, mas também como um poder unificador e integrador de toda a actividade escolar” (TEIXEIRA, 1928, p.67). Ele era palco para conferências que exaltavam vultos da história naval e militar do Brasil – Barão de Ladário, Almirante Frontim e Duque de Caxias, por exemplo –, e o “Espírito e Glória da Marinha Brasileira”, tema da palestra do Contra-Almirante Lemos Bastos em 1939; ou ainda “Influência das necessidades da prática sobre o desenvolvimento das teorias”, tema da conferência do Doutor Luís Edmundo, com a participação de alunas do Instituto de Educação (Figura 13).



Figura 13: Auditório.

Fonte: ANUARIO DA ESCOLA NAVAL, 1941, p 283. Modificado pela autora (2014).

Esse palco recebia, ainda, espetáculos destinados a formação cultural dos aspirantes, como os concertos organizados e dirigidos em obséquio ao Corpo de Alunos pela Exma Sra D. Noemi Regis Bittencort em novembro de 1940 e 1942. Em 1940, ocorreu apresentação do conjunto vocal formado por aspirantes e treinados pelo Professor Canuto Regis, seguido por dueto desse professor e de sua esposa do segundo ato do Guarani e finalizando com concerto daquela organizadora, retratada ao piano na Figura 14, interagindo “com um cenário que lhe confere uma identidade retórica (...), fruto de uma idéia de composição plástica e social a um só tempo” (FABRIS, 2004, p. 58).



Figura 14: Noemi Regis Bittencort ao piano no auditório da Escola Naval.  
Fonte: ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940, 1940, p 199.

O grupo vocal era composto por alunos que se destacaram nas aulas de canto coral destinadas a todos os aspirantes, “sendo seu fim principal ensinar o Corpo de Alunos a cantar corretamente o Hino Nacional, as Marchas e Canções da Marinha” (ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940, 1940, p. 175). Esse grupo fora substituído em 1942 pelo conjunto musical, em destaque na Figura 15 sem a farda, mas em vestimentas que padronizavam os integrantes do grupo.



Figura 15: Conjunto Musical.

Fonte: ANUARIO DA ESCOLA NAVAL, 1942, p 274. Modificado pela autora (2014).

Complementando a formação cultural dos jovens aspirante<sup>3</sup>, o auditório também se transformava em sala de cinema para sessões cinematográficas vespertinas. Essas sessões, quando abertas para convidados civis, normalmente seguiam-se de bailes promovidos no salão de festas para 450 convidados. Além de que, tanto um quanto outro ambiente assumia também a finalidade de socializar esses jovens aspirantes.

Na Figura 16 e Figura 17, por exemplo, o destaque é para a presença feminina, assim como em outros inúmeros registros publicados pela *A Galera*<sup>4</sup>. Ambas as fotografias foram publicadas na coluna *Sociais*, que só retratava as meninas em área aberta, sem qualquer registro dos recintos onde ocorriam as tardes dançantes promovidas pelos pelotões. A primeira figura é um registro da “A Festa do Segundo Pelotão”, que contou com um “desfile de beleza do passadiço ao ginásio” (*A GALERA*,

---

<sup>3</sup> É importante ressaltarmos a participação dos aspirantes em visitas à museus e à exposições, como na dos Mapas Municipais que reuniu as “representações gráficas dos 1574 municípios do Brasil” (*ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940*, 1940, p 183) em 1940, “assunto de tão grande importância nacional que não podia deixar de interessar a nossa Escola” (*ibidem*).

<sup>4</sup> A figura feminina é sempre destaque nessa revista, seja na participação em eventos, nas charges elaboradas pelos próprios aprendizes ou nas cartas encaminhadas a diretoria da revista. Apesar de não ser foco deste artigo, é mister considerar a revista como um instrumento de diálogo entre os aspirantes e as moças da sociedade na procura de bons partidos.

número 2, 1942, p.29); já a segunda um aspecto da “A Festa do 4.º Pelotão”, que, assim como a festa anterior, seguiu como programação a exibição de filme que “precede o mais interessante: as dansas” (A GALERA, número 4, 1942, s/n), além de sorteio de um mimo entre as senhoritas presentes.



Figura 16: A Festa do Segundo Pelotão.

Fonte: A GALERA, número 2, 1942, p.29. Modificado pela autora (2014).



Figura 17: A Festa do 4.º Pelotão.

Fonte: A GALERA, número 4, 1942, .s/n.

Recriando espaços de sociabilidade, a Escola Naval contava ainda com uma cantina, que fora reformada em 1940, apenas dois anos após a inauguração da nova sede, ocupando nova sala, dando origem a uma nova cantina (Figura 18) e bar (Figura 19), sendo esse último “estilo americano” (ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940, 1940, p.

195). Segundo Anuário da Turma de 1940, local de onde também foram retiradas as figuras que se seguem, “nela os aspirantes podem encontrar tudo, ou quase tudo, daquilo que a vida escolar exigia” (ibidem). Entretanto, por tratar-se de um lugar de disciplina, os registros fotográficos da cantina e bar ressaltam a organização, a limpeza e a ausência de algazarras, comum a juventude, mas desconsiderada com a ausência de seus frequentadores.



Figura 18: Cantina.

Fonte: ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940, 1940, p 197.



Figura 19: Bar.

Fonte: ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940, 1940, p 195.



Todavia, as instalações esportivas merecem destaque especial por rematar a educação integral de seus internos, por serem “verdadeiros centros de saúde, aparelhados para a educação física que está na base de toda a educação” (AZEVEDO, 1931, p. 229). Na Figura 20 vemos a praça de manobras de 10 mil metros quadrados, utilizada para práticas esportivas, cerimônias e paradas militares, com grande mastro no centro para hasteamento de bandeiras e pavilhões em dias de cerimônias militares que tinham como cenário a bela Baía de Guanabara, destacando-se o ponto mais alto das cadeias montanhosas no horizonte: o Pão de Açúcar.



Figura 20: Praça de Manobras.  
Fonte: DPHDM.

Na ponta da Ilha, no lado esquerdo da imagem, temos a piscina olímpica com “capacidade para 3.125 metros cúbicos d’água, permitindo a realização de campeonatos internacionais, espelhar-se-a ladeada por uma plataforma que tem numa das cabeceiras uma arquibancada coberta e, na outra, um trampolim de saltos, com três plataformas” (CORREIO DA MANHÃ, 1935, s/n). Ao lado da piscina outra, de menor porte, com 225 metros quadrados para aprendizagem, rodeada no lado direito pelo ginásio de esportes e o abrigo para 16 escaleres.

A Figura 21 apresenta em detalhe a piscina, seguida das arquibancadas e do Ginásio na Figura 22. Ambas as fotografias compõem álbum da “Constructores Escritório

Technico Raja Gabaglia Engenheiros Civis”, que além de outras imagens que apresentam os detalhes do prédio, afirmam ser a Ilha “um ambiente em que a sugestiva evocação do passado histórico se une a fascinação vivificante da vida do mar” (ESCOLA NAVAL NA ILHA DE VILLEGAGNON, 1938, s/n)



Figura 21: Piscina.

Fonte: DPHDM. Modificado pela autora (2014).



Figura 22: Arquibancada e Ginásio de Esportes.

Fonte: DPHDM. Modificado pela autora (2014).

Além do ensino curricular, os aspirantes participavam de competições esportivas internas e externas, que como nas escolas civis, constituíram-se como peça fundamental para o disciplinamento de seus alunos e da juventude brasileira na busca do progresso, da “grandeza do Brasil”. As competições esportivas eram estimuladas, visando à propagação de valores que envolviam a competição, a meritocracia e o rendimento, importantes para as escolas civis e imprescindíveis as escolas militares, uma vez que em tempo de paz, o esporte é a atividade que mais se assemelha ao combate. Realizavam-se campeonatos internos de basquetebol, voleibol, atletismo, escaleres a remo e a vela, cutter, esgrima, natação, water polo, cabo-de-guerra, retinida e atletismo, sendo este último registrado na Figura 23 que capta o movimento do Salto em Altura do aspirante José Leal Ferreira:



Figura 23: Competições Esportivas Internas.

Fonte: A GALERA, número 35, 1944, p.90. Modificado pela autora (2014).

Essas eram algumas das modalidades previstas e indispensáveis, já que para o serviço ativo na Marinha “é necessário o gosto pelo esforço, a resistência e o vigor físico, a disciplina dos nervos e dos músculos sob o domínio de um caráter viril e de uma inteligência esclarecida. Pelo esporte se obtém estas qualidades”. (ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940, 1941, p.135). Além de concorrer para o desenvolvimento físico e a destreza corporal dos alunos, a prática esportiva deveria “desenvolver neles o espírito de lealdade e de abnegação” (ibidem) para com seus irmãos de farda e para com a nação.

## Considerações

As fontes imagéticas abrem-se como mais uma possibilidade para a leitura das dimensões simbólicas e materiais da arquitetura e do espaço escolar, indicando aspectos do contexto político, social e econômico do momento e do espaço, quando e onde, em que foram construídas.

Para Viñao (2005, p.17), a

instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece umas certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação do espaço e sua converção em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge, a partir de uma noção objetiva – a de espaço-lugar –, uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço-território.

O espaço-território da Escola Naval na Ilha de Villegagnon, seus usos e as vivências experimentadas nos diferentes recintos erguidos na intenção de projetá-la como escola moderna, pode ser lida nessas imagens ao reconhecermos “o que se produz no interior da própria imagem” (SANTANELLA, 2012 p.13). Essas fotografias carregam consigo representações do social e do cotidiano daquela época e daquela escola. Elas retratam uma arquitetura escolar que reproduz o discurso, o projeto educacional de Anísio Teixeira em prol do edifício escolar alinhado ao objetivo da educação: preparar o aluno para a vida, logo, um cidadão capaz de contribuir para com o desenvolvimento da nação.

Essas fotográficas permitem refletirmos sobre o passado a partir do dado de materialidade que persiste em suas imagens, envolta pelo real e simbólico que compõem o momento histórico em que foram clicadas. Nelas observamos “um suporte material da memória” (BENCOSTTA, 2011, p.7), que recria em um ambiente e em outro a compreensão de educação moderna daquele período, influenciada por modelos norte-americanos, em que a “educação é vida, não uma imitação da vida, não simplesmente uma preparação para a vida, mas a própria vida” (ROCHA, 2002, p.101).

As fontes imagéticas aqui analisadas para o estudo da nova sede da Escola Naval na Ilha de Villegagnon permitem associarmos-las as águas do mar, que parecem, ao

mesmo tempo, translúcida e espelho. Suas mensagens fotográficas tanto captam o espaço escolar construído entre 1935 e 1938, quanto à política de edificações escolares arquitetadas por Anísio Teixeira. Seus cenários indicam que a sede da Escola Naval aproximou-se do que se pretendia como espaço escolar destinado a formação integral do aluno na alteração e aquisição de conhecimentos e hábitos almejados para o homem moderno que se pretendia como cidadão brasileiro.

## Fontes

ACORDO ENTRE O GOVERNO ESTADOS UNIDOS DO BRASIL E ESTADOS UNIDOS DA AMERICA. Brasil, 2 de fevereiro de 1938. Disponível em: <[http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1934/b\\_1/](http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1934/b_1/)>. Acesso em: janeiro de 2014.

A GALERA. Revista do Corpo de Alunos da Escola Naval. 1937 -1948. Acervo da Escola Naval.

ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1939. Rio de Janeiro: Escola Naval, 1940. Acervo da Escola Naval.

ANUARIO DA ESCOLA NAVAL PARA 1940. Rio de Janeiro: Escola Naval, 1941. Acervo da Biblioteca da Marinha.

ANUARIO DA ESCOLA. 1941. Rio de Janeiro: Escola Naval, 1941. Acervo da Escola Naval.

ANUARIO DA ESCOLA. 1942. Rio de Janeiro: Escola Naval, 1942. Acervo da Escola Naval.

AZEVEDO, Fernando et al. **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e dos Educadores (1959)**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em:< [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>. Acessado em: abril de 2014.

\_\_\_\_\_. **Novos caminhos e novos fins: nova política de educação no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

CORREIO DA MANHÃ. Ano XXXV, nº 1.476, de 23 de julho de 1935. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842\\_04&pasta=ano%20193&pesq=o%20novo%20edificio%20da%20escola%20naval](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano%20193&pesq=o%20novo%20edificio%20da%20escola%20naval)> Acesso em: novembro de 2013.

DECRETO Nº 1.435. Dá novo regulamento á Escola Naval. Brasil, 4 de fevereiro de 1937. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-1435-4->

fevereiro-1937-450685-retificacao-74435-pe.html>. Acesso em: janeiro de 2014.

ESCOLA NAVAL EM VILLEGAGNON. Álbum da Constructores Escritório Technico Raja Gabaglia Engenheiros Civis. Rio de Janeiro, 1938. Acervo da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

TEIXEIRA, Anísio. **Aspectos americanos de educação**. Salvador: Tip. De São Francisco, 1928. Disponível em:< <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/>>. Acesso em: janeiro de 2014.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação pública**: administração e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Diretoria Geral de Instituição Pública, 1935. (Relatório Administrativo)

TEIXEIRA, Anísio. **Em marcha para a democracia**: à margem dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934. Disponível em:< <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/>>. Acesso em> janeiro de 2014.

## Referencias

BENCOSTTA, Marcus Levy. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. **História**, jun 2011, vol 30, nº 1, p. 396-411.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. Anísio Teixeira e a arquitetura escolar: planejando escolas, construindo sonhos. **Revista da FAEEDBA**. Salvador, n.13, jan./jun. 2000, p.151-160. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/dorea.html>>. Acesso: janeiro de 2014.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, Papirus, 1993.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais**: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução de: VEIGA NETO, Alfredo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da (Org). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, v.3.

KOPP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. São Paulo: Nobel, 1990. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/24988480/quando-o-moderno-nao-era-um-estilo-e-sim-uma-causa-anatole-kopp-tela>>. Acessado em: dezembro de 2013.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. Tradução Suzana Ferreira Borges. In: **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1985.

MACHADO, Gisele. **Escreveu, não leu, o pau comeu**: A Escola de Aprendizes Marinheiro de Santa Catarina. 2007. p. 174. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografia. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008.

ROCHA, João Augusto de Lima (org). **Anísio em movimento**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1060/619664.pdf?sequence=4>> Acesso em: fevereiro de 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOUZA, Rosa Fátima. de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

VIÑAO, Antonio. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, M. L. A. (Org.). **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005. v. 1.